



Sambai por Nós: um quintal artístico e educativo

Sambai por Nós: an artistic and educational "quintal"

Weverton Martins de Camargo¹

RESUMO: O presente artigo se refere ao percurso de pesquisa que busca colaborar com a tradição e a continuidade dos quintais de samba, investigando quem ou o que é o samba, a partir da perspectiva desses redutos em São Paulo. A pesquisa parte do pressuposto de que é desses espaços (físicos e simbólicos) afro-diaspóricos que (in)surgem outros modos de vida que promovem a emancipação e influenciam a (re)existência da população negra. O estudo apresenta uma plataforma virtual, um material artístico e educativo, destinado a possibilitar a mediação presencial.

Palavras-chave: Mediação educativa. Quintais. Samba paulistano.

TEXTO

Este artigo é o resultado de um encontro — como numa roda de samba — entre o Malandro Educador, Weverton Martins, idealizador do projeto 'Sambai por Nós', e o Grupo Ewé. Esse diálogo culminou na apresentação do projeto na 5ª Edição do ÀWÁRÍ – Seminário de Cultura Popular de Matrizes Africanas, um evento fundamental promovido pelo Grupo Ewé, que teve como tema central os Aquilombamentos.

O projeto de mestrado "**Sambai Por Nós**", transcende a definição de plataforma ou material virtual. Cada aspecto desta iniciativa representa uma malandragem artística e educativa que "está firme no pedaço" (FILME, 2000) para investigar o contexto de quem ou o que é o samba dentro dos quintais em São Paulo, , partindo das experiências e percepções do pesquisador. O objetivo central é colaborar com a tradição e garantir a sua continuidade nestes espaços. Afinal, "é tradição e o samba continua" (FILME, 2000) neste território fundamental para a pesquisa, que se

¹ Sambista, Artista (ator e dançarino) Educador e Pesquisador. Mestre em Artes da Cena e Graduado pelo Curso de Licenciatura em Artes com Habilitação em Dança. weverton.mart@hotmail.com.



origina nos fundos de muitos quintais paulistanos — a morada do samba urbano, do samba-rock e das escolas de samba.

Apesar da resiliência, a existência do samba enfrenta ameaças históricas. Há décadas, o grito "Nosso samba merece respeito!" (FUNDO DE QUINTAL, 1998) ecoa no tempo. Conforme a emblemática frase "O samba agoniza, mas não morre" (SARGENTO, 1979), movimentos sociais e do samba em São Paulo, por meio de ações coletivas e vozes firmes, denunciam o embranquecimento, o racismo epistêmico, a mercantilização, a elitização, a gentrificação étnica e as demolições urbanas (físicas e simbólicas) de territórios historicamente negros. Tais processos desafinam diretamente a existência e o protagonismo da população negra no samba.

Nessa perspectiva, o ser sambista é fundamentado na crença de que existe uma solução, expressa no verso: "Garoa, resistência do meu samba" (MEMÓRIA DO SAMBA PAULISTA, 2009). Essa "garoa" não surge por acaso; ela impulsiona a luta pela garantia de políticas públicas que preservem e valorizem os quintais de samba em São Paulo, reconhecendo-os como um patrimônio da cultura negra. A pesquisa pressupõe que, desses quintais afro-diaspóricos, (in)surgem outros modos de vida e epistemologias, fundamentais para a manutenção de valores físicos e simbólicos que influenciam a (re)existência da população negra. Persistimos nessa demanda — onde desatamos o nó, tal como a cadência do samba rock, para firmar os direitos que culminam na plataforma "Sambai por Nós".

O projeto apresenta colaborações, influências, referências e depoimentos que vão além da citação formal. O intuito é que estes elementos dialoguem diretamente com a própria pesquisa. Acreditamos que a integração dos saberes de sambistas e suas obras, mestras, mestres, pesquisadores e intelectuais resultará em uma análise aprofundada e equitativa no campo acadêmico.

Nossos quintais são historicamente espaços de acolhimento e não segregação, seguindo a tradição da cultura ancestral. Contudo, é fundamental que se compreenda: "Sambai por Nós" é uma pesquisa com foco (in)direto no protagonismo negro no samba. Cada detalhe e eixo desta pesquisa foi cuidadosamente pensado para atender a essa demanda. Assim, garantimos, sem desvios ou generalizações, uma análise aprofundada e a valorização deste protagonismo crucial.

A plataforma está organizada de acordo com a peculiaridade e o "jeitinho" único das escolas de samba:



Concentração: Seção inicial onde o Malandro Educador apresenta a introdução de "Sambai por Nós", servindo como ponto de encontro para alinhar as premissas e os objetivos da pesquisa.

Esquenta: Seção dedicada ao aquecimento, revisitando sambas e carnavais que despertam a consciência sobre a identidade e o papel do sambista. A premissa é que cada indivíduo é a continuação de um samba ancestral, uma herança que se manifesta por meio das gerações passadas. O verso do sambista paulistano Geraldo Filme (1927–1995), "Peço ao Criador / Quero voltar na reencarnação / Sei que vou subir / Meu pensamento está na descida" (FILME, 1980), oferece a compreensão de que somos a reencarnação de nossos antepassados. Deixar-se conduzir por esse samba é, de fato, compreender que a nossa existência está intrinsecamente ligada a uma herança que forja a identidade presente, através de histórias e valores que se corporificam no indivíduo.

Desde a infância, internalizamos, um conjunto de normas, valores e práticas culturais que, além de serem reproduzidas, nos conectam visceralmente a um ciclo de vida contínuo. Tais ideias encontram ressonância na sabedoria de Nego Bispo (1959–2023) — poeta, escritor e liderança quilombola — que, em seu livro *A Terra Dá, a Terra Quer*, argumenta: "Somos da circularidade: começo, meio e começo" (BISPO, 2023, p. 66).

Nesta cadência, a sabedoria de Nego Bispo encontra um eco perfeito na dinâmica do samba: a geração dos avós representa o começo ancestral; a dos pais, o meio; e a geração dos sambistas mais jovens, o novo começo. Assim, a comunidade se estabelece como uma roda viva, onde passado, presente e futuro se entrelaçam. É sob essa lógica que o "pedido final" (CONCEIÇÃO; SILVA, 1975) ressoa para o sambista mais novo: a ausência da manutenção dessa roda com as ancestralidades enfraquece tanto o indivíduo quanto a comunidade.

Muitas cosmopercepções africanas dão o tom profundo ao equilíbrio e à circularidade da vida, um ciclo que transcende a existência individual. Tais epistemologias apontam para uma roda intrínseca entre o mundo dos ancestrais, o mundo físico e o mundo dos espíritos, percebendo que tudo se encontra interligado, sem espaço para o isolamento do indivíduo.

Nessa perspectiva, o conceito sul-africano de **Ubuntu** dialoga com a filosofia do samba. Conforme Muniz Sodré:



"Ubuntu é o substantivo pessoa; mas, para ser percebida como pessoa, como humana, ubuntu diz que o indivíduo, a pessoa, só é humana sendo humana junto ao outro" (SODRÉ, 2021, p. 16).

O samba, em sua natureza comunitária, é um samba-enredo vivo dessa filosofia, pois toda individualidade é firmada pela coletividade e pela ancestralidade.

Ao recordar as reuniões familiares e os quintais negros de São Paulo, onde "todo mundo é bamba... todo mundo samba" (MARTINHO DA VILA, 1969), memoriza-se a presença constante dessa filosofia de conexão. Estas vivências moldaram uma série de referências que possibilitam ao pesquisador, hoje, falar, pensar e produzir a partir deste lugar, seja como sambista ou como Malandro Educador. A seção Esquenta reforça esse lembrete fundamental: muitos de nós somos um samba sonhado e realizado, e a luta das gerações passadas não foi em vão. Assim, somos parte da realização desse sonho, dessa continuidade do samba ancestral.

Avenida: Seção principal em que o Malandro atua como puxador e mediador do material artístico e educativo da pesquisa, desfilando conteúdos, debates e reflexões aprofundadas.

Esta seção, conduzida pelo Malandro Educador, é estruturada para aprofundar as reflexões por meio de seis ilustrações e do estímulo a práticas com a musicalidade e a corporeidade do samba.

O processo inicia-se com questionamentos concebidos para promover a mediação e aproximar os participantes da história do samba, propondo: "Qual é a história de samba que mora no fundo do quintal de sua memória?" A partir disso, o foco se volta para as etimologias.

Mais do que um substantivo, a palavra "samba" é uma correnteza que atravessa o Atlântico, carregando a força e a dor de tempos ancestrais complexos e profundos. Ao consultar o *Dicionário da História Social do Samba* (2015, p. 306–307), de Nei Lopes e Luiz Antonio Simas, percebe-se que a palavra samba é a morada onde as áfricas ocupam. O termo, ainda que encontrado em outras línguas, possui uma origem possivelmente ligada ao português falado no Brasil, ou melhor, no "Pretuguês", conceito cunhado por Lélia Gonzalez (1935–1994), influente intelectual, antropóloga, historiadora e ativista negra brasileira.

O pesquisador, neste papel de Malandro Educador, propõe a reflexão: Quantas Áfricas falam na língua portuguesa do Brasil? Ao observar esse fenômeno, Lélia



Gonzalez nomeia o "Pretuguês" a língua falada no país, caracterizando o português local como a gíngua de um processo de africanização.

Discutir o "Pretuguês", articulada através da palavra 'samba', constitui um movimento de volta ao *ilê* – a casa, terra de origem, ou lar ancestral – aquilo que foi ocultado. É desvendar o que permaneceu escondido em uma mandinga disfarçada. Significa, portanto, tensionar a língua oficial, dominante e colonizadora, afirmando a existência de outro saber: um saber vivo, encruzilhado, necessário e profundamente enraizado em nossa cultura afro-diaspórica.

Esta seção avança na análise a partir do questionamento proposto pelo Malandro Educador: "A ordem é samba(s) e progresso é negro, na dita terra do samba brasileiro?" Tal questão tensiona a visão simplificada do samba, afirmando-o, sobretudo, como um ato de resistência negro, indígena e periférico, e uma [des]ordem social e cultural complexa que abarca a diversidade de manifestações no país.

A afirmação recorrente de que "**Brasil é terra do samba**" está ligada a uma identidade nacional construída para exportação. Ocorre que essa narrativa frequentemente desarticula a diversidade dos sambas regionais e ignora outras culturas fundamentais que compõem o Brasil. Sob essa ótica, a frase negligencia a matriz e os agentes que carregam o samba: uma manifestação nascida negra, com interações indígenas e, essencialmente, periférica. Nos quintais brasileiros, o samba se manifesta em múltiplas formas, sendo cada comunidade um espaço particular com suas tradições, instrumentos, narrativas e figuras.

Historicamente, a elite branca dominante construiu um Brasil idealizado: um país feliz e harmonioso, desprovido de conflitos. Entretanto, por trás desse "cartão-postal", há mazelas sociais e a realidade de grupos sistematicamente oprimidos. O poder hegemônico é sustentado por uma estrutura patriarcal, branca, cis-heteronormativa e eurocêntrica, cujos valores centralizadores marginalizam e excluem grupos como a população negra, povos originários, mulheres negras, a comunidade LGBTQIA+, pessoas com deficiência e as comunidades periféricas.

Ao analisar o passado e o presente, é crucial entender que o samba atravessou ressignificações, apropriações, contradições e uma mercantilização desigual e danosa. Contudo, a **resistência** permanece como uma das palavras-chave em sua jornada.

Na Era Vargas, iniciada nos anos 1930, o Estado interveio nas dinâmicas da cultura popular, fazendo do Rio de Janeiro o epicentro de uma reapropriação política



que nacionalizou o samba como símbolo da identidade brasileira (ANDRÉ, 2021; DOMINGUES, 2019). Segundo Siqueira:

“Através da mediação do Estado, essa cultura que, na origem, era apenas de negros, fora do mercado se transforma na cultura de toda a sociedade urbana, autodeclarada sociedade brasileira. Isso ocorre pela necessidade que o Estado teve, em certo momento, de se identificar com o samba... e o sambista como condição mítica e consumidor de samba.” (SIQUEIRA, 2012, p. 163).

É fundamental ressaltar que os sambistas nunca foram sujeitos passivos nesse enredo. Os quintais de samba de ontem e de hoje seguem desafiando esses "Brasis" inventados. Bandeiras hasteadas, como "ordem e progresso" ou "país do samba", ignoram a complexidade do samba: seus mapas fluidos e suas rotas multidirecionais.

O samba é uma manifestação cultural, uma expressão potente da negritude na diáspora. Ele incorpora e ressignifica elementos de diversas origens, criando uma estrutura híbrida, com interações que incluem os povos originários. No entanto, é com os elementos da cultura afrodiaspórica que o samba se transforma em uma verdadeira multiplicidade cultural.

Neste percurso, o Malandro Educador segue atento aos saberes e conselhos de quem veio antes. A sabedoria de Geraldo Filme², ao vivenciar e pensar o samba de São Paulo, serve como um guia para a pesquisa, reafirmando que cada chão tem seu samba, e cada comunidade tem sua história a ser mostrada e valorizada contra a homogeneização.

A terceira ilustração apresentada na seção Avenida lança o questionamento central da pesquisa: o que, ou quem, é o samba nos quintais de São Paulo? A premissa é que a resposta reside nos saberes e nas narrativas da Velha Guarda e dos sambistas ancestrais.

Partindo dessa reflexão, o pesquisador percebeu a interconexão profunda entre sua própria existência e os territórios negros de São Paulo. A trajetória familiar está ligada a bairros históricos como Bixiga, Barra Funda, Liberdade, Peruche, Casa Verde, Imirim, e à Vila Nova Cachoeirinha (onde o pesquisador reside e onde se cruzam as histórias familiares materna e paterna).

Na figura do Malandro Educador, o pesquisador instiga o público a escutar alguns sambas e observar a ilustração — onde o tempo se desenha em espiral e

²"Vamos mostrar São Paulo [...]. Eu gosto de falar de São Paulo nos sambas e de valorizar o que é nosso [...]. Tem tanta coisa pra se mostrar aqui." (FILME, 1981).



contém diversos nomes de sambistas paulistanos . Essa instigação metodológica levanta as seguintes questões: O samba paulista é construído por quem? Quais são os nomes dos sambistas presentes na imagem? Por quais quintais de samba essas pessoas circularam? Quais eram seus sonhos e saberes?

O enredo que busca responder ao que, ou quem, é o samba nos quintais de São Paulo inicia-se nas histórias da Velha Guarda e das pessoas sambistas que perpetuam a tradição. É por esse caminho que a parte escrita da plataforma de pesquisa se desenvolve, apresentando brevemente cada preta velha e preto velho do samba. As pessoas bamba são as detentoras e configuram a enciclopédia viva desta cultura. A Velha Guarda, categoria que designa respeitosamente os ancestrais do samba que habitam tanto o mundo físico quanto o *Orun*, carrega a sabedoria conquistada nos passos dados pelos quintais. Mesmo a partir do plano (im)material, essa presença ancestral comanda metodologicamente a comunidade, abrindo caminhos e conduzindo o destino da pesquisa.

Nossos quintais de samba são mundos profundos, erguidos por gente bamba como Dionísio Barbosa (Pai do Samba Paulistano e Fundador do Primeiro Cordão Afro-Paulistano "Barra Funda"), Madrinha Eunice (Matriarca do Samba Paulistano, Fundadora da Lavapés, uma das Primeiras Escolas de Samba e Primeira Mulher Negra a Presidir uma Agremiação), Seo Carlão do Peruche (O Brado pelo Samba e Carnaval, Fundador Unidos do Peruche), Seu Nenê (Baluarte Derradeiro e Defensor Orgulhoso do Samba, Fundador Nenê de Vila Matilde), Inocência Tobias (Pilar do Samba Paulista e Líder da Retomada do Cordão "Barra Funda", fundador do Camisa Verde e Branco) e Pé Rachado (Da presidência do Vai-Vai à fundação da Faculdade do Samba Barroca Zona Sul: o apitador defensor do samba paulistano).

A grandiosidade do samba paulistano se revela também em Dona Olímpia (A Matriarca Ancestral que Moldou o Samba Paulistano em Suas Mãos e o Vai-Vai em Seu Quintal), Dona Sinhá (Matriarca do Samba Paulistano e Baliza que Abriu Alas para a Retomada do Cordão Barra Funda e a Consolidação do Camisa Verde e Branco), Toniquinho Batuqueiro (Herdeiro do Samba do Interior, Pioneiro no Asfalto e Fundador da Embaixada do Samba Paulistano), Zeca da Casa Verde (Poeta Imortal do Samba Paulistano), Geraldo Filme (Baluarte Militante do Samba Paulistano), Ideval (Compositor que Eternizou "Narainã" e o Samba Paulistano), Henricão (Rei Momo do Povo e do Samba Paulistano, Fundador do Cordão Vai-Vai), Pato Náguas (Apitador e



Batuqueiro Imortal do Samba Paulista) e Sr. Talismã (O Compositor Cujo Samba se Tornou Talismã em São Paulo).

A tradição, em sua maior parte, perpetua-se pela oralidade — nos sambas que essas pessoas cantam, nas histórias e nos ensinamentos compartilhados. A preservação cultural exige a escuta e o respeito a essa comunidade ancestral que construiu os quintais que hoje são ocupados. Se hoje o ato de sambar é facilitado, é porque esse povo batalhou, sendo a própria "garoa, resistência do meu samba" (KAÇULA; DIAS; COELHO, 2009).

Nesta mesma cidade, a memória de grupos historicamente excluídos é constantemente relegada ao apagamento e ao silenciamento, uma situação que Tadeu Kaçula (2020) denomina higienização étnica. O esquecimento, por sua vez, revela a disputa de poder: quem esquece e quem é esquecido? Quem determina essa escolha e por quê? Por isso, a memória se configura aqui como um verdadeiro território em disputa.

O território, conforme nos ensina Milton Santos (2002), transcende o ponto no mapa ou o mero aspecto físico. É o chão vivo que é territorializado por relações sociais, histórias, pertencimento e identidades, tornando a nossa presença uma cobrança necessária.

As histórias das pessoas à margem permanecem ocultas, à sombra de uma narrativa única que celebra figuras históricas que invadiram terras e destruíram povos, transformando-as em heróis. Essa mesma lógica se reflete nos nomes das ruas, praças e estações, onde bandeirantes, colonizadores, genocidas e escravocratas dominam a toponímia.

O Malandro Educador propõe uma provocação analítica: mesmo que a narrativa imposta aprisione o espaço, é necessária a mandinga, a ginga e o jogo de corpo que se recusam a dobrar-se. É assim que se preserva e se disputa o valor dos quintais de samba. Deixar-se guiar por esses espaços é descobrir um novo modo de perceber as velhas estruturas desta cidade.

A preservação demanda o mergulho na memória viva dos ancestrais, configurando um verdadeiro ato de resistência cultural que contrapõe os "cartões-postais idealizados" de uma São Paulo branca e dominante. Sambar com a Velha Guarda é preservar o patrimônio contra o esquecimento, a negação e as políticas de silêncio que buscam impor uma história única.



Ao trazer à tona figuras — bambas historiadores — que narram a história da população negra sob a perspectiva dos marginalizados, a pesquisa afirma e clama a presença histórica neste solo que a população negra construiu e percorreu em tantos lugares de São Paulo, do Bixiga à Vila Nova Cachoeirinha.

Nesse compasso, encontramos-nos com a ideia de Chimamanda Ngozi Adichie:

"As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada. [...] Quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso" (ADICHIE, 2019, p. 32-33).

A comunidade do samba em São Paulo é vasta. Tentar responder às possibilidades de "o que ou quem é o samba" é como participar de uma roda que, felizmente, não tem fim. É girando com os nomes dos ancestrais que a pesquisa os (re)conhece, celebra e mantém vivos. É somente assim que podemos compreender: Por que somos; Por que assim fazemos; Por quem lutamos; Em memória do quê ou de quem.

A quarta ilustração apresentada na seção Avenida conduz a um questionamento crucial para a pesquisa: o papel e o protagonismo da mulher negra nos quintais de samba.

A inspiração para este questionamento reside na experiência pessoal do pesquisador. A sua matriarca Edilene Martins, por exemplo, planejava os quintais de samba com maestria, transmitindo a sabedoria ancestral da paciência e da percepção sobre as necessidades da comunidade. Em seus gestos, o ato de preparar um encontro familiar era um ritual e uma estratégia atemporal da mulher negra para reagrupar a herança cultural coletiva. Essa percepção é a chave para a análise: as mulheres negras, como donas, madrinhas, líderes e matriarcas, podem, e devem, responder quem e o que é o samba dentro desses espaços.

No entanto, surge a indagação: Será que elas recebem o reconhecimento que merecem? Se a presença feminina é constante e fundadora nos quintais, existe um problema estrutural por trás do silêncio que as cerca. Se a memória sobre essas guerreiras falha, torna-se importante assumir o compromisso para que suas histórias e nomes se perpetuem.



Há uma falta de consciência e percepção que silencia as narrativas das mulheres negras nos quintais de São Paulo, um problema que se estende por todo o Brasil. Werneck (2007) é incisiva ao afirmar que:

"O que aconteceu paulatinamente a seguir não foi o afastamento radical das mulheres negras do mundo do samba, e sim, basicamente, o apagamento proposital de suas marcas, de sua presença protagonista." (WERNECK, 2007, p. 125).

Para uma reflexão aprofundada, recorremos aos estudos de Claudia Alexandra na obra *Massembas de Ialodês: vozes femininas em rodas* (2018). A autora versa sobre como a cultura afro-brasileira possibilita a compreensão da trajetória da mulher negra no samba, marcada pela resistência diante de uma estrutura machista, sexista e racista que tenta agonizar sua herança e protagonismo.

A pesquisadora afirma que a roda de samba, em sua natureza, é feminina, ligada à circularidade da função geradora, à roda da saia, à *gira*, ao *xirê* e ao acolhimento materno. A autora também evoca a Dra. Helena Theodoro (1996, p. 34), que destaca o papel da mulher negra como pilar da família e da comunidade desde a escravidão até os dias atuais. Ainda hoje, elas enfrentam narrativas que negligenciam seu protagonismo na vida social, na arte e na cultura. É crucial debater o protagonismo feminino negro no samba, reconhecendo que a estrutura de opressão (patriarcal, machista e sexista) antecede a própria forma do samba.

As culturas do samba, enquanto expressões da tradição, dialogam com o mundo e o tempo em que acontecem. Por isso, exigem o tensionamento sobre sistemas de opressão social. Nessa perspectiva, é imperativo estar em samba fechado com Amailton Magno (2015), que convoca a romper o silêncio historiográfico do samba, onde, em sua maioria, apenas homens figuram como protagonistas principais.

Contudo, foram justamente mulheres como Madrinha Eunice, Tia Olímpia e Dona Sinhá que recriaram meios de resistência, sustentando e reorganizando a cultura do samba em São Paulo. Nesse processo, a mulher negra aglutinou uma herança coletiva por meio de práticas cotidianas e estratégicas.

No "miudinho" da resistência, Madrinha Eunice fundou a Lavapés, a primeira escola de samba de São Paulo em atividade até hoje, inscrevendo a presença negra no asfalto do centro e lutando pela oficialização e reconhecimento do carnaval paulistano. Tia Olímpia, com suas próprias mãos e em seus quintais, transformou o



cotidiano em ato político e a costura em arma de resistência, forjando o Vai-Vai. A Corte Negra que Dona Olímpia ergueu com seus filhos demonstra que, em nossos territórios, o povo preto pode ser rei e rainha. E Dona Sinhá, Dama do Samba e baliza do samba paulistano, contribuiu para erguer o Camisa Verde e Branco, cordão ancestral da Barra Funda.

Essas ações comprovam o papel fundacional e político da mulher negra, desmistificando a narrativa de apagamento e reafirmando o seu matriarcado na cultura do samba.

Na Ilustração 5 da seção Avenida, a pesquisa questiona e dialoga sobre o "ato de sambar". Essa prática na percepção do Malandro Educador e pesquisador, pois revela o que e quem é o samba nos quintais de São Paulo. O processo instiga o público com indagações: Qual samba atravessa e reside em você? Que memórias, presenças e saberes se acendem com os pés que insistem e as mãos que sustentam a resistência?

A vivência proposta convida à ação corpórea, seja por meio de instrumentos, da palma marcada ou do pé que risca o chão. O Malandro Educador oferece uma curadoria de sambas paulistas em sua maioria para embalar e inspirar essa vivência, questionando o que se movimenta no plano físico e interno quando o corpo se expressa.

Nessa perspectiva, o ato de sambar dialoga profundamente com a análise proposta por Muniz Sodré (1998), que o conceitua, na parte escrita desta pesquisa, como:

"É o meio e o lugar de uma troca social, de expressão de opiniões, fantasias e frustrações, de continuidade de uma fala (negra) que resiste à sua expropriação cultural." (SODRÉ, 1998, p. 49)

A análise se aprofunda na perspectiva de Sylvia Arcuri (2015), para quem o ato de sambar faz do corpo um território e um texto onde a africanidade se inscreve. É nessa inscrição que a memória é convocada e a identidade negra se afirma, livre das amarras da estética hegemônica. Sambar se torna, assim, um ato de emancipação no qual a própria voz negra reescreve a história, denunciando os silenciamentos e, simultaneamente, celebrando a vida.



Dessa forma, seja na escola de samba, no samba-rock ou na roda, o ato de sambar é uma contra-narrativa corpórea que expõe os rostos que foram alvo de um processo de higienização que se estende até hoje.

Os quintais de samba em São Paulo são forjados nesse **chão batido** pela comunidade negra – pelas mulheres, suas famílias e coletividades – e representam uma forma minuciosa de reagrupamento social. Nesses quintais, os quilombos se reinventam.

A persistência dessa herança encontra eco na sabedoria de Nêgo Bispo (2023), que, por meio de uma analogia com a destruição, nos lembra que, mesmo que se queime a escrita, não se destrói a oralidade. Mesmo que se queimem os símbolos, não se aniquilam os significados. E mesmo queimando o povo, não se extingue a ancestralidade.

Para compreender essa alquimia da resistência, é essencial recorrer ao pensamento de Beatriz Nascimento (1944–1995), historiadora, poeta e ativista. Em sua pesquisa, ela estabelece que o quilombo transcende o mero espaço físico; é uma organização social e cultural, uma nova (des)ordem (NASCIMENTO, 1989). A historiadora identificou continuidades entre a experiência quilombola do passado e as territorialidades negras contemporâneas, tanto rurais quanto urbanas, do Nordeste ao Sudeste (NASCIMENTO, 2018, p. 137).

Nessa visão expandida, o quilombo se perpetua até hoje em sistemas sociais recriados pela população negra. Tais territorialidades incluem, mas não se limitam, a escolas de samba, terreiros de Candomblé, favelas, bailes negros e, inegavelmente, os quintais de samba paulistanos. O conceito de quilombo, portanto, é a própria tática de sobrevivência e afirmação, conforme a própria autora define:

“O quilombo é um avanço, é produzir ou reproduzir um momento de paz. Quilombo é um guerreiro quando precisa ser guerreiro. E também é o recuo se a luta não é necessária. É uma sapiência, uma sabedoria. A continuidade de vida, o ato de criar um momento feliz, mesmo quando o inimigo é poderoso, e mesmo quando ele quer matar você. A resistência. Uma possibilidade nos dias da destruição.” (NASCIMENTO, 2018, p. 7).

Nossos quintais se configuram como assentamentos de pessoas negras e outros sujeitos marginalizados, assumindo diferentes formas e organizações para possibilitar a prática e a preservação dos modos de vida dessas comunidades. Os quintais de samba são, assim, quilombos recriados na metrópole.



A análise desenvolvida neste artigo permite concluir que os quintais de samba em São Paulo transcendem um endereço físico ou simbólico; eles se configuram como uma territorialidade de existência e afirmação. Tais espaços são o *locus* onde as comunidades negras carregam sua forma de ser, atuando como verdadeiros quilombos recriados na metrópole paulistana.

Nessa perspectiva, a pesquisa demonstra que o protagonismo da população negra – em articulação com suas famílias e comunidades – é fundamental para a manutenção desses territórios. Suas experiências, forjadas em refúgios, dores e estratégias de sobrevivência herdadas de ancestrais, transformam os quintais de samba em um teste diário de reinvenção da liberdade. Mesmo em um contexto histórico marcado pelo sequestro ancestral e pelas opressões diárias do racismo e dos marcadores sociais, é a população negra, em sua maioria, que carrega os modos de vida e desafia a morte, garantindo que "a vida, com o samba, é teimosa em existir."

É com base nestas conclusões que o projeto "**Sambai por Nós**"³ se propõe a colaborar com a continuidade e a valorização desses quintais.

REFERÊNCIAS

ARCURI, Sylvia Helena de Carvalho. **A filosofia do corpo no samba**. In: SILVA, Wallace Lopes (org.). *Samba, logo penso: afroperspectivas filosóficas para pensar o samba*. Rio de Janeiro: Hexis; Fundação Biblioteca Nacional, 2015. p. 85–104.

AZEVEDO, A. M. **Mulheres negras do samba paulista**. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho (org.). *Cultura, corpo e educação: diálogos de gênero*. São Paulo; Teresina: Entremeios; EDUFPI, 2015.

BISPO, Antônio dos Santos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora; Piseagrama, 2023.

DOMINGUES, Petrônio. *Protagonismo negro em São Paulo: história e historiografia*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019.

GONÇALVES, Juliana. **Samba-rock: a resistência preta suingada**. In: FAUSTINO, Carmen; FREITAS, Maitê; VAZ, Patrícia (org.). *Sambas e dissembras*. São Paulo: Pólen, 2018.

³Para conhecer e interagir com o material artístico e educativo que compõe a plataforma "**Sambai por Nós**", acesse: <https://www.xn--sambaipoms-zeb.com/>.



LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. *Dicionário da história social do samba*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

NASCIMENTO, Beatriz. *Quilombola e intelectual: possibilidade nos dias de destruição*. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.

SANTOS, Milton. **O território e o dinheiro**. In: *Territórios e territórios*. Niterói: PPGeo-UFF; DP&A, 2002.

SILVA, Wallace Lopes (org.). *Samba, logo penso: afroperspectivas filosóficas para pensar o samba*. Rio de Janeiro: Hexis; Fundação Biblioteca Nacional, 2015.

SODRÉ, Muniz. *Samba, o dono do corpo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

SODRÉ, Muniz et al. (org.). *Ubuntu: negras utopias*. Rio de Janeiro: Luiza Mahin – Selo da Mandata, 2021.

TENÓRIO, Jeferson. *O avesso da pele*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Músicas

FILME, Geraldo. **Tradição**. In: *A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes – Geraldo Filme*. São Paulo: SESC São Paulo, 2000.

FILME, Geraldo. **Reencarnação**. In: *Geraldão*. São Paulo: Eldorado, 1980.

FUNDO DE QUINTAL. **Merece respeito**. Rio de Janeiro: Som Livre, 1988.

MEMÓRIA DO SAMBA PAULISTA. **Garoa, resistência do meu samba**. Composição de Tadeu Kaçula, Renato Dias e Heron Coelho. In: *Memória do Samba Paulista*. São Paulo: Tratore; Sambatá, 2009.

CONCEIÇÃO, Edson; SILVA, Aloísio. **Não deixe o samba morrer**. Intérprete: Alcione. Rio de Janeiro: Philips, 1975.

MARTINHO DA VILA. **Casa de bamba**. In: *Martinho da Vila*. Rio de Janeiro: RCA Victor, 1969.